

## O SACUDIMENTO ÀS MARGENS DO ATLÂNTICO: A CASA DA TORRE, NA BAHIA, E A MAISON DES ESCLAVES, EM GORÉE

Marcello Moreira<sup>1</sup>

Pode o pó em pé, depois de deitar-se, erguer-se novamente? Na poesia moral que circulava entre os cortesãos das monarquias europeias contrarreformistas, afirmava-se a inelutável condição humana, mortal e finita, por meio de um vasto conjunto de metáforas cujas principais eram, sem sombra de dúvida, a do "vivente", como "pó em pé", e a do "morto", como "pó deitado". Sabia-se que, uma vez deitado, o pó só se soergueria novamente no dia da ressurreição dos justos, quando se desse o *eschaton* e a chegada do Milênio. A metáfora do homem ser "pó" é, sabe-se, de origem bíblica, e era atualizada, anualmente, de forma dramática, no dia de Quarta-Feira de Cinzas, quando se apunha um pouco de cinzas sobre a testa do cristão para lembrá-lo de que *es pulvis et in pulverem reverteris: és pó e ao pó retornarás*.

Em um mundo crescentemente secularizado como o nosso, muitos creem que o homem, ao cair, ao dar-se de forma irremediável à terra, apenas se integra à indistinção que é nosso fado comum: dentre a humanidade, quando em pé, se se é grânulo, pode o homem distinguir-se dos outros, para, ao final, no entanto, retornar ao anonimato próprio de todas as cartas já lidas, que são deixadas, para sempre, em sua comum gaveta de terra. Se vivo, o homem, como pó em pé, como diriam no século

---

<sup>1</sup> Professor Catedrático de Literatura Brasileira e de Historiografia e História Literária do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem Querer, Km 04, Vitória da Conquista, BA. E-mail: moreira.marcello@gmail.com

XVII, é *spiritus*, vestido, enquanto aqui estiver, com sua roupa de ferra; esta, ao ser devolvida, é camisa com que o morto veste uma parte mínima da pele do chão.

No culto de Babá Egun, na Bahia, a apresentação dos ancestrais da coletividade se dá em dia festivo, quando Babá, o morto iluminado, se torna novamente apreensível pelos sentidos dos vivos ao envergar a roupa que lhe coseram, o *opá*, que o dá a ver e tocar. A sua manifestação, ou melhor, aparição entre nós – pois se trata da "aparência" ritual que a cultura dos descendentes de africanos entre nós soube preservar, é, como o diz Júlio Santana Braga, "chama da imortalidade do homem" (BRAGA, 1995, p. 106), que flameja nas cores vivas dos tecidos de que é feito o *opá*. Este, feito não apenas de tecidos, mas de vidrilhos e miçangas sobrepostos àqueles, reluz; a luz, inclusive, é condição de apreensão da imensa gama cromática própria de todos os *opás*, e os efeitos de reflexão da luz nos elementos vidrados podem ser compreendidos como a associação em termos físicos entre cor e luz, mas também, em um nível mais profundo de significação, entre esses elementos como metáfora visiva do próprio princípio de imortalidade que se dá a ver. O Babá Egun é luz e cor, é cor pela luz que a dá a ver, sendo ambas compreendidas, em um nível fenomenal, como apropriadas à expressão do princípio metafísico ou espiritual que quer se comunicar conosco, lembrando-nos de nossa imortalidade. Se somos pó em pé, se seremos pó caído, como se dizia na poesia do século XVII católica e contrarreformista, é certo, nos lembram os Babá Eguns, que poderemos ser também pó soerguido uma vez mais.

Ayrson Heráclito, ao se propor sacudir dois importantes monumentos ligados ao tráfico atlântico de escravos, a Casa da Torre, na Bahia, e a Maison des Esclaves, em Gorée, toma como pressuposto o haver

algo a ser “sacudido” desses lugares, algo que precisa ser deles alijado. Mas o que é o sacudimento e como ele opera? E, o mais importante, o que ele alija ao ser realizado? Sacudir uma casa, como se diz entre o povo de santo da cidade da Bahia, é tomar em mãos folhas indicadas pelos zeladores de santo para com elas bater os cantos dos cômodos, para afugentar com as fustigadas que se dá com o molho de ramos os que são pó caído, mas que teimosamente permanecem entre nós, perturbando-nos a existência. As folhas com que se sacode uma casa são todas elas de tipo “quente”, *gun*, como se diz na Bahia: o para-raios, de Iansã, divindade associada ao culto de Babá Egun, e a aroeira-vermelha, de dia pertencente a Ogum, mas à tarde a Exu. As folhas de tipo *gun*, usadas no sacudimento, funcionam todas – como indica o nome particular de uma delas – como meio de canalização da energia fria dos eguns, ao tempo em que, pelos movimentos enérgicos e vigorosos com que os ramos são movimentados de um lado para o outro, dispersam e debelam essa mesma energia.

Mas se há ocasionalmente a necessidade de sacudir a própria morada, que eguns Ayrson Heráclito deseja lançar para fora tanto da Casa da Torre quanto da Maison des Esclaves por meio de sua performance? Poder-se-ia pensar em um primeiro momento que os eguns a serem alijados desses dois lugares ligados ao tráfico de homens e mulheres seriam os dos próprios escravos, que, de algum modo, neles permaneceram depois de terem neles sofrido inauditos suplícios. Mas como se pode pensar que a escravidão teria o poder de agrilhoar homens e mulheres duplamente?!, ora, quando imersos na história e na dor que aquela lhes ocasionou, ora, quando eguns, ainda encadeados nas ruínas do tráfico e do sistema escravocrata que manteve jungidas por quatro séculos as duas margens atlânticas.

O sacudimento operado por Ayrson Heráclito não tem por finalidade afugentar espíritos de escravos que porventura ainda estivessem entre nós: como se verá, ela é ação interveniente na história, esta, o seu verdadeiro objeto.

A Casa da Torre, que pertenceu à família Garcia d'Ávila, foi o lugar de reprodução de uma linhagem, e, também, de práticas numerosas ligadas à violenta posse de um ser humano por outro ser humano. Sabe-se que o primeiro varão dessa família chegou à Bahia com o governador Tomé de Sousa, em meados do século XVI, tendo, em 1551, como pecúlio, duas cabeças de gado. Enriqueceram sobremaneira, nas décadas seguintes, com a criação de gado, cultivo de cana e fabrico de açúcar, tendo se tornado ainda importantes membros da governança da Colônia. Um dos descendentes do primeiro Garcia d'Ávila, o Mestre de Campo Garcia d'Ávila Pereira de Aragão, nascido aos quatro dias de outubro de 1735, foi em seu tempo o homem mais rico do Brasil, e, sabe-se, graças às pesquisas de Luiz Mott nos arquivos portugueses, que foi denunciado às autoridades do Reino pela prática extremada de "torturas e castigos crudelíssimos", infligidos a seus escravos, e, também, por incorrer em "sacrilégios, blasfêmias e irreverência contra a religião católica" (MOTT, mimeo, s/d). No documento descoberto por Luiz Mott, o que causa sobressalto e que moveu Ayrson Heráclito a pensar a primeira parte de seu díptico sobre a escravidão e sobre as complexas relações entre África e América, foram os sacrilégios, as blasfêmias e a irreverência de se tratar desumanamente o negro, impondo-lhe, de forma cruelmente inaudita, castigos e torturas. Mas não são os negros torturados de forma desumana os eguns que, ainda presentes na Casa da Torre, demandam o sacudimento; este, ao ser realizado por Ayrson Heráclito, conjura o passado, a história, tornando-os presentes. O que exige o imediato sacudimento da Casa da Torre é a persistência histórica da

desigualdade, que vitima incontáveis homens na cidade da Bahia nos dias de hoje; o sacudimento da Casa da Torre visa, se possível, a exorcizar os demônios que a história nos legou, mas esses demônios são todos eles práticas enraizadas na sociedade brasileira e toleradas muita vez pelo Estado. O Mestre de Campo Garcia d'Ávila Pereira de Aragão torna-se, na performance de Ayrson Heráclito, metonímia ou gênero abrangente de todas as espécies de homem desumano; pode-se pensá-lo, também, a esse homem, como metáfora para injustiça, crime ou abusão. Ao sacudir a Casa da Torre, ao tornar presente o que precisa ser alijado de nossa vida social, de nossa história, o exorcismo levado a efeito por Ayrson Heráclito é belíssimo, pois ele sacode “a história”, o “nosso passado”, com a mão-cheia de para-raios que os negros nos ensinaram a usar, a empregar tão bem para nosso socorro diário; são os seviciados que nos legam os instrumentos de exorcismo, que nos ensinam a conjurar o tempo ido e seu legado. O passado a ser exorcizado, metaforizado na performance como egun, como energia disruptora, não tem, como os Babá Eguns do culto praticado na África e na Bahia dos dias de hoje, nem cor nem luz. Esse passado é a morte, a que Babá se opõe como princípio continuador da vida.

É esse mesmo passado o objeto de esconjuro na performance criada por Ayrson Heráclito para ser a contraparte africana do sacudimento da Casa da Torre. O sacudimento da Maison des Esclaves, em Gorée, ilha próxima de Dakar, visa a entender o significado da “Casa” no amplo evento histórico do escravismo moderno.

O nome do estabelecimento em que os escravos eram depositados antes de seu embarque para o Novo Mundo, “Casa dos Escravos”, é, nos dias de hoje, fonte de tensão semântica pela compressão de sentido nele presente como fruto da história. Essa compressão de sentido é explorada

inteligentemente por Ayrson Heráclito quando de sua performance, pois é ela o que ele justamente encena em seu teatro que tem por finalidade purgar paixões. Se “casa” é vocábulo que tem sido empregado como metáfora de “acolhimento”, “proteção”, “refúgio”, no caso da *Maison des Esclaves* a “acolhida” é espécie de aprisionamento. Entra-se nessa “Casa” sem se ter o desejo de ser hóspede, ingressa-se n'Ela à força, o que fere um princípio quase que universal da hospitalidade, que é o de acolher o que deseja ingresso; do ser “hóspede”, a “acolhida” na “Casa dos Escravos” guarda, contudo, dois dos sentidos etimológicos, o de se ser ao mesmo tempo “peregrino” e “alheio”; “peregrino”, pois o que n'Ela ingressou há de sair em breve, como faz o hóspede que adentra um espaço sabendo da precariedade do pouso, pois o hóspede, enquanto “peregrino”, está de passagem; “alheio”, porque todo hóspede é estrangeiro, não pertence ao local em que está, e, como toda ave que recolhe a vela da asa e ancora para fazer ninho, há de partir. Mas para onde caminha o “peregrino”, a que lugar os seus passos o destinam? A “Casa dos Escravos”, sendo casa, não o é, contudo, daqueles a quem se diz que Ela pertence, pois os escravos que por Ela passam não a possuem, antes, são possuídos temporariamente por Ela; a “Casa”, se é pouso somente para peregrinos, é casa, mas de passagem, um ilhéu em que teriam por necessidade de arribar aves em migração, mas que migram porque são sopradas, contra sua vontade, pelos ventos da história, que trazem, no caso da *Maison des Esclaves*, a escravidão. Os negros acolhidos na “Casa dos Escravos”, em Gorée, em sua peregrinação, são obrigados a deixar a África e são soprados pelos ventos da história para o Novo Mundo; se são “alheios”, o são, em primeiro lugar, da própria África, de que se tornam estranhos contra sua vontade; Gorée, a “Casa”, desse modo, denega-se o ser casa e tem seu sentido recalcado pelo de um outro signo, “prisão”, conquanto provisória; se os hóspedes da “Casa” são ao mesmo

tempo “peregrinos” e “alheios”, o deixá-la em direção ao Novo Mundo significa positivar esses dois últimos sentidos atualizando-os na grande travessia; era dessa grande travessia que já falava Ayrson Heráclito em *Segredos Internos* e *Atlântico Negro*, obras anteriores, mas constitutivas desse ciclo sobre a dispersão da África a partir do século XV. Jungidas à ideia de “casa”, estão, paradoxalmente, aquelas de “dispersão” e “degredo”, pois a escravidão é a mais acabada forma de banimento, pois expatria do solo e da condição humana a ele ligada. Quando Ayrson Heráclito se propõe sacudir a *Maison des Esclaves* na Ilha de Gorée, ele não crê que n'Ela haja eguns que precisam ser exorcizados, espíritos infelizes pelo fardo da história, que teriam, agora, pela performance, de ser banidos uma segunda vez. O artista se pergunta: “Já não houve dor bastante?” O sacudimento da “Casa dos Escravos” tem por fim expulsar da “Casa” aquilo que a parasitou, e que, em a parasitando, a desfigurou: o escravismo, que tornou hóspedes, “peregrinos” e “alheios”, e que tornou a própria casa “prisão”. O retorno à África leva a prática do sacudimento da margem americana do Atlântico de volta à margem africana, para que a África, em comunhão com o mundo americano, de que ela já não pode se separar, possa beneficiar-se do que ela legou, mesmo contra sua vontade, ao Novo Mundo.